

Tolkien: Vida, obras e o senso religioso

Trechos do diálogo realizado dia 29 de setembro de 2023 na PUC-SP

1) Rafael Marcoccia. Como vocês concebem o método tolkieniano de trabalho, a criação e as subcriações? Como vocês percebem o “mundo primário” (como ele o chama) de Tolkien? E, por fim, se é verdade que outros autores tentam fazer coisas semelhantes agora – como as atuais séries fantásticas –, não temos ninguém presente que tenha feito isso antes de Tolkien. Foi ele realmente o primeiro?

Luana Rufino. Tolkien foi o primeiro? De certo ponto de vista sim, senão o primeiro, pelo menos, é um pioneiro: há autores como Thomas More que escreveram mundos imaginários como Utopia, por exemplo. *Tolkien é certamente o primeiro escritor moderno que o fez de uma forma tão radical*, mas na realidade, indo ao fundo, ele não é de forma alguma o primeiro porque qualquer um que já fez literatura, ou qualquer um que pega uma caneta e inventa uma história faz o mesmo também, ainda que talvez mais abertamente. Desde o tempo de Homero, *quando alguém inventa uma história, ele está descrevendo um mundo, como ele vê o mundo. Tolkien simplesmente fez isso de uma maneira muito sincera*. O mundo de Tolkien está em um passado imaginário, mas não é um mundo imaginário: é simplesmente o mundo mediado por seus olhos que, no entanto, é descrito com meticulosidade, precisão e (podemos dizer) uma obsessão por detalhes que poucos o têm, mas isso está relacionado ao fato de ele ser um grande artista. Ele sabe que para tornar uma obra de arte convincente, poderosa, real, é necessário fazer exatamente o que Deus faz com o “mundo primário” (como ele o chama), ou seja, com nossa realidade vista pelos olhos de Deus. Para ser verdadeiramente poderoso como Deus, para ser, portanto, “criador” você realmente tem que estar atento aos detalhes. Então, *Tolkien faz o que outros fizeram, mas com uma grandeza, com uma precisão que tem suas raízes em sua grandíssima fé no que é a obra literária*. Em um mundo moderno em que (como no início do século XX) dá pouco crédito à arte, Tolkien é aquele que, ao invés, deu tanto crédito à arte que chegou a dizer que você tem que ir até ao fundo da arte. Tolkien é aquele na verdade foi até o fundo naquele caminho que muitos outros fizeram até a metade. Para ser verdadeiramente poderoso como “criador” você realmente tem que estar atento aos detalhes. Então, Tolkien faz o que outros fizeram, mas com uma grandeza, com uma precisão que tem suas raízes em sua grandíssima fé no que é a obra literária. Em um mundo moderno em que (como no início do século XX) dá pouco crédito à arte, Tolkien é aquele que, ao invés, deu tanto crédito à arte que chegou a dizer que você tem que ir até ao fundo da arte. Tolkien é aquele na verdade foi até o fundo naquele caminho que muitos outros fizeram até a metade. A polifonia da criação (método Tolkien pergunta no final) se refere a este belo mito que abre o *Silmarillion*, para o qual existem muitas vozes diferentes de Ainur (figuras angélicas) que cantam juntos em uma ópera comum. Este surgiu como o grande tema, mas aconteceu, não foi pensado ou desenhado. Em minha opinião, isso já diz tudo sobre como Tolkien faz isso e como tentamos fazer nosso trabalho também e dá espaço à subcriação de forma livre como é feito a partir das obras de Tolkien até hoje com tantas derivações em filmes, desenhos, games e séries.

Além disso, é verdade que ele é um artista talentoso, mas acho que ele próprio aos poucos vai descobrindo seu verdadeiro talento. Se estivesse aqui, teria dito: “Antes de mais nada sou um contador de histórias, depois um poeta e depois um artista”. Claro, demorou um pouco para entender realmente qual era o seu talento. No início, quando era pequeno, fazia desenhos que gosto muito inclusive, mas não são obras-primas de arte. Aí ele começou a escrever poesia, por algum tempo pensou que sua modalidade expressiva era a poesia, então aos poucos vai percebendo que não é nem isso. Ele pensava que era um mitologista, mas não foi nem mesmo isso porque *O Senhor dos Anéis*, em um nível literário formal, não era o que Tolkien imaginou que ele estava fazendo no início. No início, Tolkien sempre pensou, ele sempre quis fazer uma alta mitologia que então se fundiu no *Silmarillion*, que certamente

é uma obra que eu realmente gosto, mas não é sua obra-prima e ele mesmo a conhecia a tal ponto que nem a havia publicado. Gosto muito dela, recomendei-a antes para todos a lerem, mas com certeza a sua obra-prima é *O Senhor dos Anéis* e ele mesmo entendeu isso. Onde está a unidade de tudo isso? Cada um desses foi um marco em sua jornada e (como na jornada de Frodo para Mordor) não há momento melhor do que o outro. Você não diz que a primeira etapa é apenas o começo de uma jornada ou que a terceira é melhor. Cada etapa tem seu próprio papel único e irrepetível, necessário naquele momento particular e a unidade foi criada precisamente através da consciência de que a hierarquia a que me referia não é qualitativa, mas cronológica. Há um momento na vida em que a pessoa é chamada a fazer uma coisa, depois outra. Tolkien fez esse caminho de aprofundar seu talento expressivo, tudo tem suas raízes na mesma urgência criativa que surge de uma resposta à realidade. Vejo a realidade e diante da beleza da realidade sinto a necessidade de reproduzi-la, não no sentido de copiá-la, mas de criar algo novo à sua semelhança. Isso é o que a arte visual faz, é o que a poesia faz, o que então vai fazer suas histórias, mas com o tempo. Leva tempo, leva uma vida, também requer amizades, como Lewis, ou uma própria obediência à sua vida diária. São os seus filhos que o fazem compreender que deve contar histórias menos complexas e menos mitológicas do que aquelas que ele pensava no início. Na vida, ao caminhar na vida com a verdade, a pessoa chega ao fundo de si mesmo e descobre aquilo o que verdadeiramente ela é. *A vida do homem é algo que se revela com o tempo, não é a realização de um projeto inicial.*

2) Rafael. Ainda sobre o tema da criação do mundo, mas acrescentando outro elemento, no mito da criação Tolkien a descreve como uma bela música da qual Eru (Deus) sugere um tema para desenvolver a Arda (a Terra). Diante da proposta, Melkor (o anjo mais poderoso) introduz uma música dissonante. Eru não suprime essa desarmonia, mas propõe um novo tema, mais bonito que o primeiro. Ao mesmo tempo Tolkien escreve no *Legendário*: “Assim, exatamente como Eru falou, uma Beleza ainda não concebida irá chegar à Eä, e ainda terá sido bom que o mal tenha existido”. Nesse sentido, como Tolkien desenvolve o mistério do mal, da corrupção e da morte em suas obras? Como ele entende isso? Depois: o que dizer sobre esse “método de Eru” que, ao invés de suprimir a dissonância, ele a utiliza para enriquecer a música tornando-a ainda mais bonita? E trazendo para nossa realidade, de polarização extrema, podemos tirar algumas lições disso, não?

Luana. E eu diria polarizado em todo o mundo, não apenas no Brasil. Agora o mundo ocidental (mas não somente ele) está profundamente polarizado. Esta é uma pergunta que requer muitas respostas: eu digo duas. A primeira coisa é que, para Tolkien (que é um grande cristão, mas não apenas isso), tudo é muito interessante, porque ele traduz para a literatura não só um pensamento que ele tem, mas que ele descobre. Ele pode ser considerado até teólogo, no sentido de que descobre e estuda a natureza de Deus escrevendo histórias. Ou seja, há uma criatividade teológica em Tolkien, pela qual nós podemos dizer que Ainulindalë (*Silmarillion*) dá uma contribuição de compreensão e profundidade daquilo que é a teologia católica. Isso tem suas raízes em Newman e nas ideias que se desenvolveram dele, de como a história se desdobra, mas também há algo de profundamente original na teologia de Tolkien conforme é expresso em suas obras. *A potência criativa de Deus, diz Tolkien, é mostrada acima de tudo pelo fato de que Ele corrige o mal gerando. Isto é, Deus corrige o mal não suprimindo, mas gerando, fazendo nascer outra coisa.* A geração, a criação, a vida, a realidade, qualquer coisa que tenha realidade, qualquer coisa que tenha vida, qualquer coisa que tenha consistência de ser é algo que vem de Deus, Satanás não pode fazer isso. O mal não cria nada, o mal apenas distorce. Importante é entender a realidade considerando todos os seus fatores, sem excluir nada.

O interessante do Mistério do mau desenvolvido por Tolkien é justamente sua contribuição para nos libertar de nosso imaginário profundamente maniqueísta, alimentado pelos filmes da Disney desde os quatro anos, que acredita que o mau é algo que tem essência, que existe. Mas o mal “não existe” dessa forma! O mal que existe (como bem sabemos) é uma negação do bem, assim, o mal é uma ausência do bem. O mal não é algo em si, mas ele consiste na falta do bem, o seu distanciamento

do bem, a sua dissonância, sua distância, sua falta de comunhão. Isso nos ensina duas coisas, simplificando um pouco: a primeira é que qualquer esforço criativo que o homem faça só pode ser bom e positivo de onde Ele vier. *Isso é profundamente moderno em Tolkien: o verdadeiro poder de Deus não consiste em gerar a si mesmo e ponto final, mas em integrar o que são os esforços dos vários anjos e subcriadores no seu desígnio pessoal.* É uma verdadeira posição diante do mundo, que é um mundo pós-cristão, e também uma forma de olhar a diversidade do outro, não é uma atitude de combate, de batalha, mas de valorização, de integração e de aprofundamento. Com isso, Deus aprofunda os pensamentos dos Ainur e ajuda-os a entenderem melhor. Se alguém lê o *Silmarillion*, vê que é Deus, Ilúvatar, quem ajuda esses anjos a trazerem à tona o que eles já têm de melhor. E isso se aplica a todos. O Espírito sopra onde quer, mas sopra realmente onde quer, está entre todos sem distinção. Em qualquer homem que se esforça para criar algo belo no mundo, existe o Espírito por trás de sua música. E, não só isso, *Tolkien até diz uma coisa profundamente revolucionária, em Ilúvatar, que mesmo as produções mais profundas do mal “derivam de Mim”,* não no sentido de que inspirei o mal em você, mas no sentido de que tudo o que você tenta fazer, mesmo o mais prejudicial e maligno, no final, eles derivam na sua essência de Mim. Eu os dou a você porque eu te amo tanto que Eu te dou a liberdade para fazer isso. Então, paradoxalmente, por trás do mistério do mal (que é outro dos grandes mistérios de que Tolkien fala) existe o abismo da misericórdia de Deus, do Amor que deseja a liberdade do homem. Este amor pela liberdade humana está muito ausente em nosso mundo, temos muito medo disso e, por isso, olhamos para outros lugares. Então, Tolkien nos ensina a olhar: vamos pegar a coisa mais revoltante, vamos imaginar a coisa pela qual lutamos nossas várias batalhas de valores e pensar que por trás dessa aparente malícia na realidade há uma tentativa imperfeita, incompleta e errada de fazer algo bonito. Por isso a verdadeira atitude é ir e ver para ajudar que a distância, que também surge nessas coisas, seja trazida de volta à plenitude.

Porque a *outra grande ideia de Tolkien é que o mal é sempre uma parcialidade:* Melkor é aquele que pensa que a sua parte é a única e que é a única que vale a pena ser levada em consideração, de fato deixa de escutar seus companheiros e deixa de depender de Deus. O erro está aí: o mal não é gerado quando tentamos fazer o que queremos, mas quando tentamos fazer o que queremos parando de ouvir uns aos outros e parando de ouvir aqueles que nos estão gerando. Em vez disso, Tolkien nos diz que, para realmente redescobrir a verdade que nos foi dada, precisamos envolver outros. Esta foi a minha experiência pessoal ao fazer os Encontros sobre Tolkien no Rio (UERJ) e em São Paulo (PUC-SP) onde aprendi com os fãs de Tolkien e sociedades de Tolkien no Brasil muito mais do que achava que já conhecia. Nesse sentido, o dom que tenho é simplesmente exegetico, ou seja, a capacidade de reconhecer a marca de Deus naquilo que ele está experimentando. A ação do Espírito em sua vida que é ainda mais verdadeira do que a minha. *A única graça que tive foi a de ter os olhos abertos para reconhecer essa ação do Espírito e ficar maravilhada com isso.* Mas o que está diante de nós é a mesma realidade de todos os nossos semelhantes das mais diversas religiões, mesmo as mais violentas. Eles também participam do Espírito porque estão vivos e o que eu vivo é dado por Deus: quem está vivo é porque é dado por Deus. Esta posição é bela e muito grande. Não é relativismo, pelo contrário, e sim é reconhecer que tudo o que é gerado por qualquer pessoa remete a uma única coisa. Podemos falar sobre essa atitude, mas muitas vezes não a vivemos e temos medo dessa diferença de nós. O relacionamento com a diversidade é o grande problema do nosso mundo e Tolkien nos diz que a diversidade é um dos maiores sinais do amor misericordioso e profundo que Deus tem por sua criação, a aceitação do outro. Nós também pensamos em Frodo no *O Senhor dos Anéis*: ao aceitar a diversidade, Frodo poupa Gollum, não mata Gollum e é o maior ato tolo que Frodo poderia fazer. Mas na realidade é justamente esse ato que acaba sendo aquele que explode tudo e vence a batalha contra Sauron. É um ato de pura aceitação da liberdade e da diferença do homem, mesmo a diversidade do mau. Nesse sentido, é um ato que tem em si a figura do divino e que então permitirá a vitória definitiva.

Eu citaria novamente uma das mais belas passagens das cartas de Tolkien em que ele diz, no meio da Segunda Guerra Mundial, que enquanto todos estiverem olhando para o mal, para grandeza e poder do maligno do mundo, como Hitler e Stalin (e nós agora em meio às guerras e às divisões) na

verdade é nos subúrbios, nos particulares, nos cantos esquecidos, que já existem as sementes que Deus plantou e onde bem lentamente germinam. Isso é o que Tolkien diz sobre o método de Deus. Está relacionado ao que eu disse antes, ou seja, ao fato de que Deus corrige a criação gerando uma nova vida (isso é fundamental), mas a nova vida que é gerada por Deus é algo pequeno, humilde, aparentemente indefeso. Deus não corrige o mundo com hegemonia. Vamos pensar em *O Senhor dos Anéis*: como é a derrota de Sauron? Ao enviar um hobbit indefeso para Morgoth, algo absolutamente absurdo, algo que é totalmente contra a dinâmica do mundo e que simbolicamente é precisamente a renúncia ao poder (o anel como sabemos é o poder supremo). O que Frodo faz? Vai jogar fora o poder para seguir um caminho cujas chances de sucesso eram muito na prática inexistentes. Este é o método de Deus, porque Deus (disse Tolkien em uma carta citando o Magnificat) Deus revela seu poder e a vaidade dos pensamentos dos grandes, dos sábios da história, mostrando que é capaz de vencer com os pequenos. Tolkien chama em uma carta de “Lei secreta da criação” que tem a ver com a valorização dos pequenos e dos fracos. Esta é a figura essencial de Deus, e aqui obviamente poderemos falar da Encarnação, de Nossa Senhora e de tudo o que vimos acontecer em nossa história. Com isso, diz Tolkien, toda a história do homem, verdadeira, real ou inventada, segue apenas essa lei. A vitória é alcançada através do pequeno.

Trazendo tudo para o nosso mundo, o problema não é reclamar do Outro, do fim do cristianismo, mas ir buscar as sementes da vida já presentes no mundo em que vivemos e nos dar água. E aqui está enxertada a imagem do jardineiro, que certamente tem suas raízes em Newman em seu livro “*The Development of Christian Doctrine*” em que ele diz abertamente que a história da Igreja é como a história de uma árvore que nasce como uma semente, ela se desenvolve no tronco e então floresce. É a história da Igreja, mas é também a história de cada um de nós, aliás o que Deus faz conosco é simplesmente isto: dar-nos água, permitir-nos crescer e o que somos chamados a fazer como cristãos é o mesmo, isto é, ajudar os outros. Eles podem florescer e fazer seu próprio caminho. Talvez no final da jornada pessoal encontrem um vínculo com o grande mar do ser para o qual todos nós tendemos, mas isso não é assunto nosso. Nossa tarefa para criar unidade e esperança neste mundo é buscar as sementes do bem já presentes e, em vez de reclamar, ajudá-las a se desenvolver. Este é um dos aspectos fundamentais do método de Deus na história.

3) Rafael. Até aqui nós falamos sobre a criação, depois entendemos a questão do mal, vamos falar agora da liberdade. Tolkien cria o conceito de “eucatástrofe” para se referir à sucessão repentina de eventos no final de uma história que garante que o protagonista não seja vítima de um destino terrível, iminente e provável, mas que tenha um final bom, feliz, devido a uma graça. Nesse sentido, de que modo a liberdade dos personagens desempenha um papel fundamental na Eucatástrofe?

Luana. Esta também é uma pergunta muito complexa, porque por um lado a Eucatástrofe não é criada pela liberdade em um sentido automático. Não é que Frodo salve Gollum e, portanto, crie uma eucatástrofe (porque a eucatástrofe está ligada ao personagem de Gollum, sem Gollum – nós o conhecemos bem – Frodo não teria jogado o anel no vulcão e, portanto, não teria havido eucatástrofe). Existe um link entre essas duas coisas, mas não é um link automático. Estamos acostumados a pensar, em nosso mundo pós-moderno e pós-kantiano, em tudo no sentido de causa e efeito: eu faço isso então tenho aquilo. Para Tolkien, no entanto, não é assim, no sentido de que a ação de Deus, de Ilúvatar, na história tem um componente de mistério. E (diz ele em uma carta) se Frodo tivesse salvado Gollum por um cálculo, a eucatástrofe não teria acontecido. O que torna o ato de liberdade de Frodo tão grande e o que então causa a eucatástrofe (ou melhor) permite a eucatástrofe é que ele o faz de uma forma totalmente livre, gratuita.

A eucatástrofe é algo totalmente gratuito no nível narrativo, não é um automatismo, na verdade (diz Tolkien) deve acontecer justamente quando você pensa que tudo está perdido, porque acontece de uma forma profundamente milagrosa. Há uma dimensão da graça: o milagre, que tem a ver com a Eucatástrofe, é algo que não pode ser apreendido. A meu ver, é também o que ele faz com o mistério

da liberdade, no sentido de que a eucatástrofe é a ação da liberdade de Deus na história: é antes de tudo o vínculo que existe entre a eucatástrofe e a liberdade. A eucatástrofe é o sinal de que Deus é livre para intervir na narrativa, dando espaço para esse narrador maior intervir, de acordo com seus misteriosos desígnios. E muitas vezes a liberdade de Deus age através da liberdade de suas criaturas, isto é, Deus abraça a liberdade de suas criaturas e a usa. É como se fosse um material que lhe é oferecido e que Ele utiliza.

Posso dar outro exemplo da mesma dinâmica: quando Aulë no *Silmarillion* cria os anões, ele o faz secretamente, ele realiza uma ação muito semelhante à de Melkor, de Satanás. Ele tenta fazer algo, mas então se arrepende e os oferece a Deus de graça. Esse ato de humildade é o que então leva à eucatástrofe dos anões, no sentido de que, então, Ilúvatar ao invés de destruir os anões os salva e cria uma nova raça, algo que nem existia em seu plano inicial (porque os anões não eram presentes nos planos iniciais de Ilúvatar: havia apenas homens e elfos). Os anões são uma adição, então Deus ainda tem a liberdade de adicionar algo à sua criação, aceitando a oferta de suas criaturas.

Outro exemplo em que existe o mesmo tipo de dinâmica e que explica a relação entre liberdade e eucatástrofe é quando Gandalf concorda em morrer em Moria. Gandalf concorda em morrer não no sentido de que se joga no abismo (porque isso acontece, não é que ele tenha planejado), mas porque ele concorda em ir para Moria e, portanto, aceita a possibilidade de que isso pode acontecer. Quando ele concorda em confrontar o balrog ele sabe muito bem o que poderia acontecer, ele está fazendo o mesmo tipo de trabalho de liberdade, ou seja, ele está dizendo “*Estou oferecendo minha vida, meu ponto de vista particular, para um narrador superior, estou oferecendo minha vida a Deus*”. Ele está fazendo algo absurdo de acordo com uma lógica humana, mas que é oferecido gratuitamente a Deus. Se ele tivesse feito um cálculo, ele teria pensado: “*Somos nove, eu sou o mais forte e o mais inteligente de todos, eu não tenho morrer mas vamos mandar outro*”. Ao aceitar morrer, ele está fazendo algo absurdo, como o ato de Frodo com Gollum, ou seja, um ato de plena liberdade, de aceitação da supremacia do narrador. Tolkien diz, em uma carta, “*Deus aceitou esta oferta e a transformou, e a fez ficar branca*”, isto é, Deus usa a liberdade dos homens para fazer sua eucatástrofe, a eucatástrofe quem a faz é Ele.

Deus precisa da liberdade dos homens, mas não é um automatismo, é um ato de graça que se baseia, ou melhor, que precisa da liberdade dos homens, que se ajoelham diante de sua supremacia narrativa, ao fato de que Ele é (em qualquer caso) o autor com “A maiúsculo” e com isso faz a eucatástrofe. Sempre falo de ficção, mas é algo que precisa de um ato de submissão dos personagens ao que é a Sua lei de ação, que é uma lei feita de misericórdia, uma lei feita de renúncia ao poder, uma lei que segue de forma misteriosa através de intervenções feitas de última hora. É nessa ação de Deus que se revela Sua supremacia, porque a supremacia de Deus se revela na eucatástrofe. E não só isso, justamente por meio da catástrofe Deus, Ilúvatar, pega as histórias e as insere em Sua história. Como Tolkien nos diz em “*Contos Inacabados*”, todas as histórias que têm uma eucatástrofe são profecias da Ressurreição de Cristo porque a ressurreição de Cristo é o ponto mais alto, o vértice narrativo da história do homem, e a eucatástrofe por excelência, o final feliz da história de Deus. Cada vez que há uma eucatástrofe, significa que algum autor, algum narrador concordou em abandonar a sua obra, confiá-la a Deus e Deus a tomou e inseriu no seu projeto. Essa é a grandeza da eucatástrofe e seu vínculo com a liberdade, sobretudo a liberdade dos personagens e subcriadores em aceitar a supremacia de Deus.

4) Rafael. O senso religioso é aquilo que é especificadamente do ser humano: o anseio por um significado, a sede por um sentido. O senso religioso é o coração que move toda ação de qualquer pessoa – tenha fé ou não tenha fé –, um coração inquieto, vivo. Cada um de nós está em busca de respostas às perguntas mais profundas que temos: qual o sentido último da existência? Por que existem a dor, a morte? Por que no fundo vale a pena viver? Quer dizer, temos o desejo de sentido, a tensão para o infinito que todos nós experimentamos e temos dentro de nós. Como vocês identificam esse senso religioso no pensamento e obra de Tolkien?

Luana. O senso religioso, ou experiência religiosa, é antes de tudo um fato, um fenômeno objetivo, um fato real, não é uma ideia, não é um modo de sentir. E também não só se trata de qualquer fato, ou acontecimento, mas o FATO mais imponente e mais inextirpável da história do homem. É maior que qualquer outro fenômeno como o amor entre um homem e uma mulher, ou o amor entre pais/mães e seus filhos, é intrínseco à nossa humanidade. Eu posso ter o marido que quero, os filhos que quero, a profissão que quero, a casa que quero, a ideologia de vida que quero e ainda assim estar insatisfeita. Por que, se tenho “tudo o que eu desejo”, eu ainda tenho esse desejo, essa sede de mais? Essa sede de infinito? Desejo de relacionamento com Infinito. Que só algo infinitamente grande é capaz de responder (nas palavras de Tolkien). Tolkien diz a seu filho Christopher na carta 89 que *sua História é “um paralelo finito para o Infinito”*. Parte-se assim do realismo. Realismo, entendendo a necessidade de encarar o desejo do coração do homem. Entendendo a razão não como medida do real, mas a razão e a fantasia (ou arte) como desejo de relacionamento com o infinito. E o conhecimento não como algo que você já tem, mas que você descobre. Para mim, o senso religioso é evidente no Encontro do Bilbo e Gandalf no livro *Hobbit*. Quando Bilbo escuta os anões, a música melancólica dos anões, como diz no livro desperta o seu lado Tûk por mãe, que parecia estar adormecido, de certa forma se encanta com aquele espetáculo quando Thorin, líder dos anões, canta uma música melancólica que é acompanhada por todos eles: “Enquanto cantavam, o hobbit sentia o amor pelas coisas belas e feitas por mão e por engenho e por magia atizando-se em suas entranhas, um amor feroz e ciumento, o desejo do coração dos anões. Então, alguma coisa típica dos Tûks despertou dentro de Bilbo, e ele desejou partir e ver as grandes montanhas”.

É nesse momento que se desperta um desejo desconhecido em Bilbo, uma consciência que ele não sabia que tinha, mas que o impele (mesmo ele não entendendo muito bem por quê) a aceitar a participar da “Companhia de Thorin”. Essa companhia peculiar propõe a Bilbo encarar uma missão ousada, cujo objetivo é recuperar a Montanha e lar dos anões das garras do dragão Smaug. Assim, o despertar do desejo em Bilbo é o despertar do caminho, que o põe numa aventura perigosa, no qual o hobbit sente uma atração irresistível que o faz sair da sua pequena toca abandonando todas as suas manias, seus confortos e suas certezas.

O contrato que é oferecido a Bilbo diz que há grandes chances de ele ser “incinerado”, “esfolado”, “desmembrado”; e ainda assim mesmo com uma vida aparentemente perfeita, tranquila e totalmente confortável, Bilbo (o hobbit mais acomodado) decide embarcar nessa aventura. Isso ocorre porque o coração do Homem tem algo que como falei no início que é irreduzível, é propriamente o Senso Religioso que impele Bilbo à missão. O despertar do desejo de Bilbo é o despertar do caminho, o início do caminho (objetivamente isso ocorre bem no início na página 3 do *Hobbit*). É como Tolkien diz a seu filho Christopher quando estava na força aérea britânica: *mantém o hobbitismo no seu coração*. Por isso ler Tolkien é um desafio maior. Ele não te dá a explicação de um conceito, mas te faz viver uma experiência. É realmente um caminho de conhecimento que descobrimos quando lemos suas obras.